

# BABEL:

## Entre a Incerteza e a Insegurança de Zygmunt Bauman & Ezio Mauro

**BABEL: BETWEEN UNCERTAINTY AND INSECURITY FROM ZYGMUNT BAUMAN & EZIO MAURO**

Junior Dantas de Souza<sup>1</sup>

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFRN)

<https://orcid.org/0000-0003-2918-1004>



Trazemos aqui uma discussão sobre o livro *Babel: entre a incerteza e a insegurança*, do sociólogo Zygmunt Bauman juntamente com o jornalista e escritor Ezio Mauro. Os autores colocam de um lado a necessidade e a dificuldade dos governos locais em resolverem problemas econômicos e políticos que surgem de uma ordem global e que necessitam posteriormente de uma solução local. A queda do perfil de governo Estado-nação dificulta ainda mais a possibilidade de encontrar essas soluções. Por outro lado, os problemas causados pela hiperconectividade e pelos novos modelos de relações sociais. Nesse contexto, as pessoas pensam em alguns momentos ter uma maior participação política, como aparentemente pensam estar vivendo de uma forma melhor, o que pode ser ilusório, já que estas sem perceber se encontram em um processo de alienação. Para Bauman, na sociedade líquida pós-moderna, como este prefere designar o atual momento, as pessoas vivem em rede. Não existe mais sociedade, e os que não se enquadram nesse sistema passam a ser excluídos do que seria antes a sociedade.

Vivemos hoje um momento de incerteza e de fluidez em nossas vidas, algo que é bem discutido por esses autores, além de ser uma das preocupações centrais da visão sociológica de Zygmunt Bauman em praticamente todos os seus trabalhos. Dessa forma, achamos importante fazer uma resenha crítica desse livro, como forma de levar ao leitor novas informações sobre alguns dos principais problemas do mundo pós-moderno, como preferimos denominar. Este instigante debate entre os autores está dividido em três capítulos. Nestes, discutem as crises e as dificuldades dos governos em resolver problemas locais com dilemas internacionais, a ineficiência do Estado e a procura das pessoas por novas alternativas de vida e de governo. Os autores tentam mostrar que vivemos em um tempo de interregno. Ou seja, um período de interlúdio, um momento em que um governo fica sem representantes. Melhor dizendo, na soma dos autores, em um período sem governo.

No primeiro capítulo, intitulado “num espaço desmaterializado”, os autores debatem

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba.

que a crise econômica e política afeta todos os setores da vida social. Uma crise que é indiferente a qualquer processo democrático. Esse fato pode ser comprovado pelo voto, no qual é perceptível a desconfiança dos cidadãos nas instituições criadas para defender o bem-estar da nação. Os governos não podem mais proteger os seus residentes e com isso cumprir as suas promessas de campanha. Bauman e Mauro veem, nesse contexto conturbado que atravessamos, um enfraquecimento das relações sociais e uma falta de capacidade dos governos de encontrarem saídas para os problemas cada vez mais relevantes. Os autores destacam que “a rejeição da política revela a inspiração cega de autonomia do indivíduo, uma espécie de alergia à própria noção de governo”. (BAUMAN e MAURO, p. 18). Os leitores correm o risco de entender errado o pensamento do autor, assim como também ter uma visão distorcida sobre o momento político atual, já que para Bauman não é a democracia que está em crise, e sim o Estado Nacional. Os governos de hoje ficam incapazes diante dos rumos tomados pela globalização e dos fluxos comerciais e informacionais.

Essa alergia à política passa a ser, conforme Mauro, uma alergia à democracia, a partir da qual o sistema democrático passa a ser visto de outra maneira, diferente do seu conceito anterior, do ideal tão almejado ao longo dos tempos. Entre esses problemas, que os governos não conseguem soluções e as sociedades ficam marcadas pelo caos e pela incerteza, é que Bauman afirma estarmos em um momento de interregno. Os modelos de governo não são mais suficientes para a necessidade das pessoas em um mundo pós-moderno e globalizado. Como também os novos modelos que surgem não dão conta das melhores

respostas. O que Bauman sugere é que devemos pensar e agir como se fosse em uma “medicina preventiva”, procurando nós mesmos olharmos o mundo de outra forma, ultrapassando também fronteiras, como o início de uma solução para o processo democrático.

Com frequência cada vez maior, os eleitores apenas procedem mecanicamente – mas guiados pelos seus hábitos adquiridos do que por alguma esperança de mudança para melhor ensejada do seu voto. Na melhor das hipóteses, eles vão para as cabines para elegerem males menores. A ampla maioria dos cidadãos raramente acredita, se é que acredita, que a perspectiva de mudar o curso dos acontecimentos na direção certa... está hoje entre as cartas do baralho e ao alcance da mão (BAUMAN e MARIO 2016, p. 15).

No segundo capítulo, denominado de “num espaço social em transformação”, os autores continuam debatendo as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, com problemas de difícil solução para os governos. Analisam as desigualdades e as novas desigualdades que surgem, como por exemplo, o desemprego para pessoas formadas, ou a falta de profissionalização dos sujeitos que tentam se inserir no mercado de trabalho. Uma prova de que hoje se torna quase impossível planejar uma determinada vida. Hoje não se pode ter mais a visão de indivíduos livres, de grupos distintos, de pessoas que pudessem escapar da crise por determinados caminhos. Hoje praticamente, pelo que os autores dizem, estão todos no mesmo barco. Com isso, a coletividade vai sendo deixada de lado e os mais fracos e mais pobres aos poucos são banidos da sociedade, tanto do lado social, como também do lado político.

O mundo dos excluídos cresce diante dos nossos olhos diariamente, pessoas que não são capazes de permanecer na sociedade ativa flutuam às suas margens ou têm o sentimento de terem sido expulsas, descartadas. Para elas, as portas da democracia fundada em direitos e no trabalho estão fechadas. Mesmo que estivessem abertas seriam as portas dos fundos, que só levariam aos andares inferiores, sem escadaria para o crescimento social (BAUMAN e MAURO 2016, p. 47).

Os autores apontam para uma falta de generosidade crescente na sociedade de consumidores, que cresce cada vez mais desigual. O fenômeno da desigualdade sempre esteve presente nas sociedades ocidentais e em toda a história, mas antes, mesmo os excluídos e mais carentes, podiam ter esperança no futuro. Hoje ao nível em que estamos, estes não veem mais soluções a serem encontradas. Não recebem oportunidades e nem alguma mão lhes oferecendo ajuda. Para os autores, hoje vivemos o mais alto nível da expressão “cada um por si”. Mas mesmo com essa visão aparentemente pessimista da modernidade, os autores dizem ter esperanças e relembram o conceito gramisciniano de “natureza prática”, para que sejamos realistas nas possibilidades de transformação. Devemos ver a dificuldade da tarefa a ser executada, não como fim, mas como começo. Devemos ter um otimismo radical para esse processo.

O terceiro capítulo é o maior do livro, com sessenta e duas páginas. Intitulado “Solitários interconectados”, os autores discutem que na sociedade de rede em que vivemos hoje, quanto mais as pessoas estão conectadas, na verdade mais estão sós. A hiperconectividade tira dos cidadãos o processo cognitivo, o senso crítico, a capacidade de analisar e de entender melhor as

coisas. Isso ocorre em virtude das instituições responsáveis pelos provedores de Internet serem muito hábeis em formar um processo de transmissão e de aceitação das informações que interessam mais a si mesmas. Utilizam bem as ferramentas tecnológicas, se voltando para um determinado público que se sente bem em estar participando desse novo segmento. Para Bauman, a Internet não deixa espaço para questionamentos, apenas o reconhecimento dos que dela fazem parte. Não há neste meio uma análise e o questionamento do discurso. Tal que...

Uma “rede” não é um espaço para desafiar as ideias recebidas e as preferências de seu criador. Ela é antes uma réplica ampliada de um espelho de aumento daquele ou daquela que a teceu, povoada exclusivamente por pessoas de mesma opinião, dizendo que as pessoas que os admitiu deseja ouvir e prontas a aplaudir tudo o que quem as admitiu ou nomeou venha dizer (BAUMAN e MAURO, 2016 p. 85).

A noção de sociedade que vivemos hoje, como apontada pelos autores, relaciona-se a uma Babel contemporânea, sendo impossível um diálogo, pelo menos neste momento. Para que exista um diálogo que sirva de forma eficaz para a solução de inúmeros problemas encontrados na sociedade de rede e sem governo, os autores destacam Richard Seneth, no qual o diálogo deveria ter como base ser informal, aberto e cooperativo. De modo que todos possam sair beneficiados dessa experiência, mas que cedessem e olhassem a sociedade com outros olhos e com mais compromissos.

Considero este trabalho extremamente importante para a compreensão do momento em que atravessamos. O mundo está como se fosse um estado de interregno, como os autores expõem bem nas suas ideias. Na sociedade

em rede, as pessoas estão conectadas e pondo em jogo a sua privacidade e o seu respeito. Nesse contexto reflexivo sobre a globalização, são destacadas as culturas locais, altamente influenciadas pela conectividade. Os governos locais não conseguem soluções para os problemas mundiais, mesmo assim acredito que possam ser encontradas soluções para esse quadro de interregno. Conforme os próprios autores, existem soluções, mas estas “levam muito esforço e muito tempo” (p.140). E para isso é preciso muita serenidade, paciência e equilíbrio em nossas ações.

A democracia como hábito cotidiano de gestos e espaços particulares, como hábito de uma medida recíproca e de um equilíbrio entre a realidade e sua representação, nos parece uma redução à mediocridade, um rebaixamento, um mero código, uma espécie de Pi social moderno. Contudo, não é uma fórmula, mas o que dá fórmula ao nosso estilo de vida compartilhado... se perdermos essas regras, que se tornaram a única constante cultural da parte do mundo na qual vivemos, ficamos sem nada. Falta-nos a capacidade de fazer perguntas e o direito de exigir respostas (BAUMAN e MAURO 2016, p.134)

Na obra analisada, os autores tratam de problemas ocorridos na contemporaneidade e ressaltam a necessidade do diálogo, como a melhor forma de solução a ser encontrada. Podemos concordar com a perspectiva de que vivemos em um momento entre aquilo que não é mais e aquilo que não é ainda.

## REFERÊNCIA

BAUMAN, Z.; MAURO, E. **Babel**: entre a incerteza e a esperança – 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.